

Seleções
no Natal

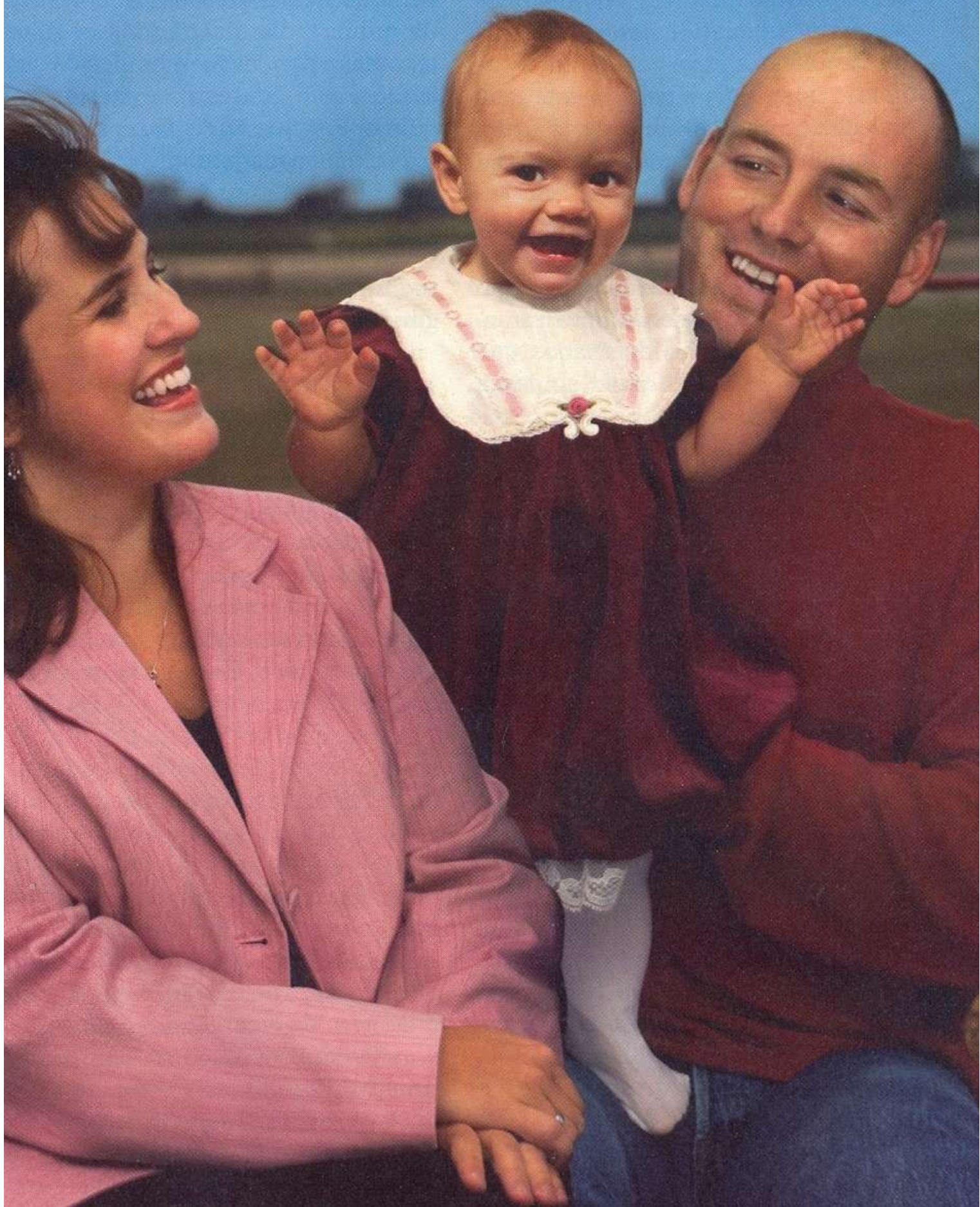
Milagre da vida real

Coincidência, destino
ou algo mais?

POR GAIL CAMERON WESCOTT

À UMA HORA DA MANHÃ, cinco dias antes do Natal de 2004, Jennifer Sneed foi acordada pelas fortes dores do trabalho de parto. A data prevista para o nascimento do bebê era dali a três semanas, mas as contrações já estavam com dois minutos de intervalo.

Não havia tempo a perder. O hospital ficava em Greenville, Carolina do Norte, a 32 quilômetros de casa. E estava nevando.



Madison Dereka, filha de Jennifer e Jerry Sneed, nasceu logo antes do dia de Natal, no mais improvável dos lugares.

Enquanto Jennifer tentava se aprontar, seu marido, Jerry, veio com a má notícia: a neve caía forte. “Acabei de olhar pela janela. Já está com uns dez centímetros de altura.”

Raramente nevava no leste da Carolina do Norte. Mas havia uma tenebrosa lembrança de outra nevasca estranha, fazia pouco mais de um ano – cinco centímetros cobriam o chão quando os Sneeds enterraram Derek, seu filhinho de 5 anos que morrera após um terrível acidente de carro.

No fim da manhã da véspera do Ano-novo, quando a família voltava das compras no mercado, um carro derrapou sobre a demarcação central da estrada federal U.S. 264 e bateu de frente com o carro dos Sneeds. E com tamanha força, que as rodas do lado do passageiro foram parar no meio-fio.

Todos foram levados às pressas para o hospital. Jennifer sofrera vários ferimentos (oito costelas e o esterno quebrados, uma contusão no rim) e Jerry fraturara o braço direito, o maxilar e a cavidade ocular. Kayla, 1 ano e meio, que estava bem presa em sua cadeirinha, saiu só com um arranhão. Mas Derek, conhecido como DJ, sofrera uma grave lesão no tronco encefálico. Foi colocado em aparelhos de suporte à vida, mas morreu seis dias depois. Os Sneeds ficaram inconsoláveis.

Nos meses seguintes, Jennifer, professora do jardim-de-infância, quase sucumbiu ao seu pesar. “DJ começara a estudar naquele ano, e

sua sala ficava no final do corredor da minha”, diz ela. “Todos os dias, eu olhava para os menininhos de sua idade e não conseguia evitar a pergunta: ‘Por que DJ?’.” Seu pai o chamava de “macaquinho”, por ele ser um menino muito risonho e alegre. Os Sneeds achavam que jamais se recuperariam. Então, na primavera, tiveram a boa notícia: Jennifer engravidara novamente.

E AGORA O BEBÊ estava chegando. Quando os Sneeds entraram em seu carro, à 1h15 da manhã, a visibilidade estava perto de zero. “Era um branco total”, diz Jennifer. “Não se conseguia enxergar dois metros adiante.” Quando entraram na U.S. 264 – a mesma estrada onde tragicamente tinham perdido o filho –, o único carro trafegando era o deles.

“A neve estava caindo e ventava”, lembra Jerry. “Eu acendera os faróis de neblina e estava concentrado no volante, tentando enxergar.” Ao seu lado, Jennifer gritava. As dores vinham a intervalos cada vez menores. Finalmente, sem mesmo estar certo de onde estava, Jerry parou no meio da estrada e, pelo celular, ligou para o número de emergência.

A telefonista o aconselhou a continuar dirigindo até chegar ao sinal de Greenville Boulevard. “NÃO!”, gritou Jennifer, quando ele lhe disse a sugestão da moça. “Não dá tempo! O bebê está nascendo!”

Jerry largou o telefone e correu para o lado do passageiro. Pôs a mão

entre as pernas de Jennifer e pôde sentir a cabeça do bebê. “Tudo bem, querida... Empurre!”, ele a incentivou. Dois empurrões depois, Jerry pôde passar as mãos em torno do pescocinho da filha. “No terceiro empurrão, puxei-a para fora”, diz. E as coisas ficaram mais assustadoras. O bebê se movia, mas não chorava.

“Ela estava pálida e roxa”, lembra-se Jerry. “O cordão umbilical ficou enrolado em seu pescoço.” Ele delicadamente o desenrolou – havia observado o médico fazer isso quando DJ nascera – e introduziu o dedo mindinho na garganta da filha, a fim de que qualquer obstrução fosse retirada. Quando ela, por fim, chorou, Jerry aconchegou-a no peito da mãe e cobriu as duas com seu casaco. Ambas as portas estavam abertas e a neve cobria o carro rapidamente. Era 1h42 da manhã.

Quando Jerry tornou a pegar o celular que largara, a telefonista ainda estava na linha. Como muitas telefonistas americanas, essa havia passado por um treinamento de procedimentos médicos, e lhe disse para amarrar o cordão umbilical com um cadarço de sapato. Jerry estava se abaixando para desamarrar o tênis quando, ao longe, ouviu um som maravilhoso: a sirene de uma ambulância!

“Normalmente, teriam demorado quase meia hora”, diz Jennifer, “mas eles tinham ido atender a uma chamada que acabou cancelada e estavam a apenas três minutos de distância dali. Houve vários milagres naquela noite – e sinto que DJ, olhando aqui para baixo, teve a ver com todos eles.”

Madison Dereka Sneed, três quilos, foi para casa com os pais, Jennifer e Jerry, na véspera do Natal.

DO SEU TEMPO

Em 1956, meu avô, um escocês, comprou um Cadillac novo. Décadas mais tarde, quando me levava ao aeroporto no mesmo Cadillac, começou a chover. Ele ligou o limpador de pára-brisas, que lambuzava o vidro ainda mais, piorando a visibilidade. Desgostoso, virou-se para mim e comentou:

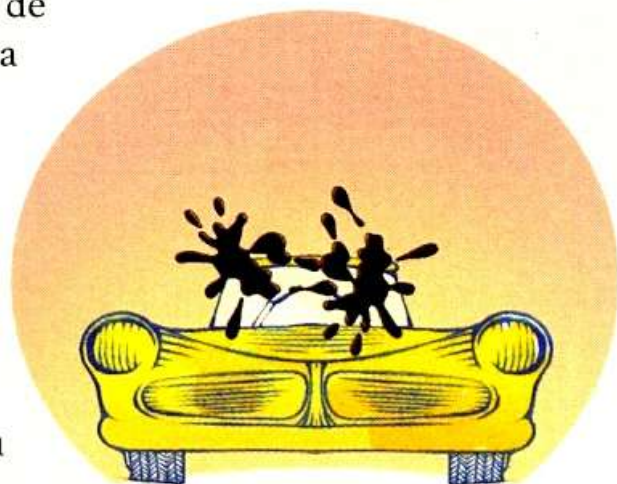
– Hoje não se faz mais nada que preste!

Assenti com a cabeça, concordando, e perguntei:

– E quando foi que o senhor comprou esses limpadores?

Amargurado, ele me olhou e revelou:

– São originais de fábrica.



ANTONY S. NIELD, Canadá